

# MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Leonardo Pereira Santa Cecília<sup>1</sup>  
Wellington Rodrigues dos Reis Edmundo<sup>2</sup>  
Aparecida Maria Almeida Barros<sup>3</sup>  
Cláudia Tavares do Amaral<sup>4</sup>

## RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar como a concepção teórico-metodológica materialista histórico-dialética pode ser instrumento para compreensão e interpretação das realidades educacionais, sendo o referencial teórico na pesquisa em educação escolar. O materialismo histórico-dialético caracteriza-se como um método de investigação que se estrutura na realidade social da vida dos indivíduos. Esse movimento espiral e dinâmico do pensamento possibilita um aprofundamento nas concepções e nos fundamentos que estruturam a vida e a organização social humana ao longo do tempo e da história. Sendo assim, pela percepção sensorial e pelo movimento da contradição, torna-se possível investigar a educação por intermédio de um método teórico-prático que possibilita ao pesquisador a ampliação dos horizontes e das perspectivas experimentais.

**Palavras-chave:** Teoria Histórico-Cultural. Dialética. Educação.

## HISTORICAL-DIALECTIC MATERIALISM AND EDUCATION: POSSIBLE DIALOGUES

### ABSTRACT

This study to analyze how the historical-dialectic materialist theoretical-methodological conception can be an instrument for understanding and interpreting educational realities, being the theoretical framework in research in school education. Historical-dialectical materialism is characterized as a method of investigation, which is structured in the social reality of individuals' lives. This spiral and dynamic movement of thought makes it possible to deepen the concepts and foundations that structure human life and social organization over time and history. Thus, through sensory perception and the movement of contradiction, it becomes possible to investigate education through a theoretical-practical method, which allows the researcher to broaden horizons and experimental perspectives.

**Keywords:** Historical-Cultural Theory. Dialectic. Education.

Recebido em 03 de maio de 2023. Aprovado em 19 de maio de 2023

<sup>1</sup> PPGEDUC/UFCAT E-mail: leonardosantacecilia@hotmail.com

<sup>2</sup> SEDUC/GO E-mail: wellingtonedmundo@gmail.com

<sup>3</sup> PPGEDUC/UFCAT E-mail: cidaab@ufcat.edu.br

<sup>4</sup> PPGEDUC/UFCAT E-mail: claudia.amaral@ufcat.edu.br

## INTRODUÇÃO

O processo investigativo desenvolvido nas pesquisas científicas centra-se nos paradigmas filosóficos de compreensão das relações sujeito-objeto, nele, a relação homem-sociedade e os elementos e signos criados são interpretados e investigados por diferentes referenciais teóricos. Nesse universo de abordagens epistemológicas existentes, o materialismo histórico-dialético se constitui no instrumento que busca compreender e analisar o objeto investigado a partir da compreensão da dinâmica de sua materialidade na vida concreta. Conhecido sob o alicerce do pensamento marxista, o materialismo histórico-dialético ancora-se nas perspectivas de superação da separação sujeito-objeto-sociedade.

Apesar de os estudos sobre a dialética tornarem-se mais conhecidos em Marx, como método científico capaz de compreender a realidade em movimento, as reflexões a seu respeito remontam à Grécia antiga, a partir da sua compreensão enquanto arte do diálogo. Segundo Wolf (1996), embora as *pólis* gregas tivessem profundas diferenças e desigualdades sociais, a circulação de ideias e as discussões sobre os problemas relacionados ao interesse coletivo eram atividades que integravam a vida e o dia a dia dos cidadãos gregos.

Sócrates, sob o alicerce desse conceito, construiu sua filosofia. Platão a empregava em seus diálogos. Aliás, mesmo no período pré-socrático, a dialética já se fazia presente, sobretudo entre os pensamentos de Heráclito e Parmênides. Heráclito, considerado o mais ferrenho defensor da dialética na Grécia Antiga, a compreendia a partir da instabilidade do ser, que para ele estava em constante movimento, o que propiciava um diálogo consubstanciado na mediação do contraditório e do conflito. Em sentido contrário, Parmênides acreditava que a essência mais profunda do homem era imutável, sendo as mudanças um fenômeno superficial. Essa concepção metafísica foi empregada predominantemente ao longo da história, contribuindo para a perduração das estruturas sociais de divisão de classe (KONDER, 1998).

Por trazerem uma visão dinâmica de análise das estruturas da realidade, estando opostas à ideia de inalterabilidade social, as concepções dialéticas, durante muito tempo, foram relegadas aos porões sombrios e inacessíveis do conhecimento científico, assumindo espaços secundários no mundo do conhecimento. Konder (1998) nos esclarece que, apesar de apresentar uma estrutura de pensamento oposta à da metafísica, a dialética precisou conciliar-se a ela para garantir sua sobrevivência e conquista de espaços mais significativos na ciência, foi preciso renunciar por um tempo suas ideias e concepções mais drásticas de explicação das realidades.

Ainda segundo Konder (2008, p. 10), Aristóteles foi um dos filósofos responsáveis pela sobrevivência da dialética, eis que “reintroduziu princípios dialéticos em explicações dominadas pelo modo de pensar metafísico”. O termo “movimento”, segundo Aristóteles, é empregado em significados distintos, estando a explicação e a compreensão do conceito relacionadas com a sua natureza. Nesse sentido, os movimentos não são ilusórios e superficiais, são potencialidades que transformam as mudanças em realidades.

Durante a Idade Média, a efervescência das concepções de estratificação social e o monopólio ideológico da igreja fizeram com que a dialética fosse cada vez mais distanciada das concepções filosóficas de compreensão do homem e da sociedade. Já o século XIV, foi marcado por importantes transformações nas relações econômicas e sociais, as quais ocasionaram o início de profundas mudanças na sociedade feudal. A expansão e o desenvolvimento do comércio e das ideologias renascentistas trouxeram intensas e marcantes alterações nas ideias e nas compreensões da vida e da existência humana. Nesse contexto, as manifestações artísticas e as ciências insurgem em oposição ao pensamento e ao discurso ideológico religioso, ampliando os horizontes do pensamento humano por meio do debate e da reflexão.

Por sua vez, o pensamento filosófico revisita as dimensões reflexivas outrora deixadas, e a ciência busca a compreensão do mundo e da existência humana para além das explicações teológicas. Apesar da busca pela objetividade no Renascimento resultar na divisão/separação

do sujeito e do objeto, elementos da dialética estiveram presentes nas concepções de diversos pensadores. É sob esse cenário que, de acordo com Konder (2008), diversos estudiosos e cientistas apresentaram teorias que rompem com as estruturas teocêntricas, tais como: Francis Bacon, Galileu Galilei, Nicolau Copérnico e Nicolau Maquiavel.

Ademais, a compreensão dinâmica e mutável da sociedade, assim como a concepção da contradição entre ideias opostas, apreendidas como base do movimento da realidade, alicerçam o renascimento da dialética em Hegel enquanto compreensão das contradições das realidades sociais, retomando, assim, seu lugar como objeto filosófico de reflexão e compreensão o mundo.

Todavia, é na dialética em Marx e no método materialista histórico-dialético que estrutura o pensamento marxista como instrumento teórico capaz de compreender os processos educativos e a educação escolar, assunto sobre o qual nos debruçaremos nesse processo refletivo.

### *O Materialismo Histórico-Dialético e a Dialética em Marx*

O materialismo histórico-dialético é uma teoria do conhecimento científico que compreende o homem a partir das perspectivas filosóficas da materialidade da vida concreta. É importante ressaltar que a dialética e os elementos que a configura não surgem em Marx, e tão pouco nele se esgotam. Essas concepções se encontram presentes em diversos filósofos e estudiosos que se dedicaram a compreender as relações que compõem e caracterizam as realidades sociais. Marx, porém, avança em relação às correntes filosóficas que o antecedem, ao conseguir articular a análise e a compreensão do objeto de forma indissociável à dialética da vida concreta e do processo histórico-social, inaugurando, assim, uma nova abordagem metodológica.

A dialética em Marx fundamenta-se na realidade objetiva e na vida concreta dos indivíduos, que são moldadas pelas relações sociais de produção. Nesse sentido, o materialismo histórico-dialético fundamenta-se na análise e na compreensão crítica do real, objetivando a compreensão crítica das estruturas sociais construídas ao longo da história, possibilitando o desenvolvimento de movimentos de ressignificação e transformação das realidades (LESSA; TONET, 2011).

Somos seres sociais, produtos e produtores de cultura e das condições objetivas e subjetivas de existência historicamente construídas. Além disso, são nas relações e nas interações do indivíduo com o meio que o homem se humaniza, sendo assim, esse processo de conscientização da historicidade das ações e das atividades humanas alicerça a reorganização das estruturas vigentes, dando gênese à emergência de novos processos e atividades sociais.

O método marxista fundamenta-se, segundo Netto (2011), em um movimento dialético que se estrutura na concepção ontológica da realidade social, objetivando a práxis humana, compreendida como o processo de superação e transformação das estruturas (im)postas pela sociedade capitalista, estruturada na divisão de classes.

Para compreender o método materialista histórico-dialético como instrumento de análise e investigação da realidade, torna-se necessário compreender, também, os conceitos das principais categorias delineadas por Marx, sendo elas: trabalho, modos de produção, classes sociais, luta de classes, mais-valia, alienação, consciência de classe, proletariado e força de trabalho. É válido lembrar que as categorias em Marx não são simples representações do pensamento humano, sua compreensão articula-se à análise de seu caráter ontológico, configurando-se em representações concretas das realidades sociais, as quais são dinâmicas, complexas e construídas sociohistoricamente.

## *Apreensão e Problematização da Realidade em Marx: Categorias Conceituais*

A concepção de trabalho em Marx articula-se à dialética sujeito-objeto, sociedade-indivíduo. O trabalho é compreendido como categoria e parte das relações homem-natureza, em que o indivíduo é visto como sujeito ativo no processo de transformação das realidades concretas que o cerca (LESSA; TONET, 2011). Durante esse movimento, segundo Lessa e Tonet (2011), o homem vai direcionando suas forças, vontade e atenção ao processo do trabalho, mediando, articulando e regulando sua relação com a natureza, apropriando-se das matérias e dos signos socialmente construídos, de maneira que modifica a natureza e a si próprio, desenvolvendo novos conhecimentos, habilidades e potencialidades.

O trabalho é um dos elementos centrais que diferencia os seres humanos dos animais irracionais. Diferente das ações realizadas por outras espécies, a partir de determinações genéticas, extintivas e mecânicas, o trabalho desenvolvido pelos seres humanos é uma ação concreta, que busca atender às necessidades do indivíduo, ao desenvolvimento e à manutenção da vida, sendo sua execução antecipada pela idealização e pelo planejamento mental, visando os caminhos e as alternativas considerados mais adequados para atingir os objetivos traçados (MARX, 1985).

Nessa dinâmica, tem-se a relação homem-natureza, que é mediada por instrumentos e técnicas que permitem ao indivíduo o desenvolvimento do trabalho. Somos parte da natureza, dela advém os objetos, as possibilidades e os meios de trabalho, a natureza integra a práxis e representa o mundo concreto, por meio do trabalho, o homem passa da natureza (in)orgânica à natureza humanizada e social.

A categoria trabalho, segundo Marx (1985), constitui-se em toda ação consciente do homem sobre a natureza, objetivando um fim determinado. É pelo trabalho que o homem se constrói como ser social, compreende e se apropria dos signos socialmente construídos, (re)produzindo, (trans)formando e (re)construindo as realidades.

### *Relações de Produção e Classes Sociais*

O trabalho é a base estruturadora das relações sociais, é por meio dele que o homem se humaniza, constitui-se como ser/sujeito social e modifica as estruturas ao seu redor, dando origem a novas formas do processo de organização da dinâmica social. Lessa e Tonet (2011) nos esclarecem que as relações construídas entre os homens, e entre os homens e a natureza, desenvolvem as forças produtivas que, por seu turno, resultam do processo de trabalho e são constituídas pelas potencialidades humanas e pelas complexas estruturas e relações sociais historicamente construídas e empregadas no processo de produção dos bens necessários à satisfação das necessidades humanas e da reprodução material de uma dada sociedade.

É transversalmente a essas relações que surgem, segundo Netto (1994), formas mais elaboradas e complexas de interação indivíduo-natureza e indivíduo-indivíduo, dando surgimento à divisão do trabalho e às classes sociais, atribuindo ao indivíduo o seu lugar na sociedade: proprietário dos meios de produção (capitalista/burguês) *versus* proletariado (indivíduo que não detém os meios de produção e, para conseguir sobreviver, vende sua força de trabalho ao burguês em troca de uma remuneração).

Sob esse contexto, gesta-se o processo de alienação, que se institui quando o trabalhador deixa de trabalhar para suprir suas necessidades e passa a fazê-lo para satisfazer os anseios da classe dominante, que compra a força de trabalho do proletariado e se apropria da mais-valia, que é a diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o que é pago pelo trabalho realizado.

Nesse movimento de contradição, centra-se a reflexão sobre como são desenvolvidos e apropriados o trabalho e as forças produtivas pelo/no sistema. Vale lembrar que o sistema capitalista surge em meio à crise da ordem feudal, estruturando-se na percepção de trabalho

como uma concepção produtiva de mercadorias associada a valor de troca. Sendo assim, as relações de produção no sistema capitalista expressam no trabalho a concentração e o acúmulo de riquezas da classe detentora dos meios de produção, em função da mais-valia e da exploração do trabalhador, logo, o trabalho deixa de expressar a busca pela satisfação das necessidades de sobrevivência humana, tornando-se um processo de desumanização e exploração, que tem como resultado a divisão e a desigualdade social, a qual tem se atenuado com o passar dos tempos (MARX, 1985).

### *Modos de Produção e Formação Econômica e Social*

Os modos de produção, segundo Lessa e Tonet (2011), são as formas de organização do trabalho, suas características e contradições, que se apresentam de diferentes formas, características e especificidades ao longo da história. No sistema capitalista, objeto de estudo de Marx, os modos de produção se fundamentam nas estruturas de classes e nas relações de trabalho. Já a formação econômica e social configura-se expressão das características socioeconômicas e político-culturais do modo de produção de uma sociedade, que são construídas e determinadas historicamente.

Nesse conjunto, está presente a infraestrutura de uma sociedade, que é formada por suas bases materiais: forças e relações produtivas. A infraestrutura determina a superestrutura, que se configura nas manifestações ideológicas (cultural, político, artístico etc.) imprescindíveis ao funcionamento da sociedade (NETTO, 1994).

Ainda no contexto dos modos de produção e da formação econômica e social, é preciso pensar que a realidade concreta é o centro das análises sociais, e a contradição é a base que determina o movimento do ser social. Desse modo, as ideias partem da relação consciência-matéria e estruturam a ação humana sobre a realidade, por meio da objetivação com fins de transformação da realidade.

### *O Materialismo Histórico-Dialético e a Educação*

A partir das características teórico-metodológicas do materialismo histórico-dialético problematizadas anteriormente, buscamos agora discorrer sobre as possibilidades desse referencial teórico como instrumento metodológico capaz de analisar as realidades educacionais.

Gestada sob as premissas teórico-metodológicas e filosóficas do materialismo histórico-dialético, a Pedagogia Histórico-crítica, segundo Saviani (1999b), caracteriza-se como uma teoria crítica da educação que busca compreender, a partir do movimento de contradição da vida concreta dos indivíduos em sociedade, as realidades educacionais construídas ao longo da história e que alicerçam a prática docente.

As estruturas do modo de produção capitalista e as dinâmicas e relações sociais de divisão de classes, assim como a objetivação do trabalho e a racionalização dos meios de produção, fundamentam o processo de organização e funcionamento social; e a construção da educação, das políticas educacionais e dos saberes e práticas pedagógicas são determinadas pelos conflitos e contradições das relações sociais construídas historicamente e que caracterizam a sociedade.

Segundo Saviani (1999b), as teorias educacionais não-críticas e crítico-reprodutivistas não apresentam uma proposta pedagógica à educação, elas se limitam a explicar os processos de formação e o funcionamento das instituições educativas, apresentando, assim, uma visão produtivista do que a escola é, em detrimento da reflexão do que a escola pode ser, desconsiderando os determinismos materiais e o movimento dialético da vida concreta.

Já a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica apresentam-se como propostas pedagógicas teórico-críticas da educação, que buscam compreender as contradições da natureza da educação, os movimentos históricos e sociais do fenômeno educativo, e seu processo de organização, funcionamento e relação com a sociedade capitalista, objetivando o rompimento com os interesses das classes dominantes, possibilitando que os saberes e as práticas educacionais desenvolvam transformações nas estruturas sociais e nas realidades concretas dos indivíduos. Nas palavras de Saviani (1999b, p. 42): “O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes”.

Considerada nesse contexto, a educação não deve estar a serviço dos interesses bancários da classe dominante, que busca a manutenção das estruturas sociais de exploração, alienação e desigualdade, mas sim, cabe a ela promover a práxis humana e a libertação do oprimido das algemas de segregação do opressor, pois, como nos esclarece Paulo Freire, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (FREIRE, 1997, p. 11).

A educação, portanto, deve articular-se com a sociedade e as relações democráticas, dando voz social aos grupos oprimidos, rompendo com os interesses da classe burguesa, atuando enquanto prática libertadora que possibilita a superação e a transformação das relações sociais de produção, do sistema capitalista. Nesse sentido, a corrente filosófica materialista histórico-dialética busca, a partir da compreensão dos condicionantes histórico-sociais da educação, a construção de novas perspectivas e concepções pedagógicas, tendo em vista uma consciência crítica e transformadora. Então, a educação que outrora se centrava nos determinismos sociais enquanto condições estruturais históricas determinadas e inalteradas, reconfigura-se como instituição que busca a transformação social e a igualdade essencial e real entre os indivíduos.

Ao se efetivar assim, os conteúdos, os saberes e as práticas pedagógicas alicerçam-se em bases reais, concretas e dinâmicas, em razão da superação das concepções mecânicas e estáticas de instrumentalização do conhecimento e da divisão do saber. Na pedagogia histórico-crítica, segundo Ramos (2016, p. 68), “conteúdo[s] e método[s] formam uma unidade, sendo que as escolhas são definidas pelos interesses dos dominados, posto que a escola visa garantir aos trabalhadores o acesso ao saber sistematizado e a sua efetiva apropriação”.

Por possuir uma essência crítica, a Pedagogia Histórico-cultural compreende a educação a partir de articulações dialéticas com a sociedade e os processos históricos, e considera as estruturas e as condições sociais passíveis de superação e reconfiguração. Por mais que as condições de vida e o lugar do indivíduo na sociedade possam estar determinados historicamente, são passíveis de mudanças e modificações. As estruturas sociais podem ser determinadas, mas não são inalteradas, elas são construídas materialmente e estabelecidas historicamente, podendo ser transformadas ativamente, por isso, busca-se compreendê-las para transformá-las (SAVIANI, 1994, 1999b).

Segundo esse ideário pedagógico, o conhecimento escolar alicerça-se na concepção dialética de ciência e deve ser trabalhado de forma ativa e dialógica, por intermédio de técnicas e recursos que estimulem a autonomia discente, a participação e o envolvimento dialógico entre aluno-professor e aluno-aluno. As práticas pedagógicas articulam-se com a cultura historicamente construída e partem da realidade e das experiências do educando para, a partir delas, oferecer-lhes novos conhecimentos e saberes.

Dessa forma, rompe-se com as concepções de normatização e padronização discente, respeitando o processo de aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno, que deixa de ser visto como um receptáculo vazio, sendo o professor o redentor e o transmissor do saber que irá preencher as tábuas em branco, passando a ser visto como um mediador do processo ensino-aprendizagem, e a educação deixa de ser vista como processo de transmissão e assimilação

mecânica de conteúdo, tornando-se uma atividade mediadora da “prática social global”, onde “[...] professor e alunos são tomados como agentes sociais” (SAVIANI, 1999a, p. 79).

Mas é preciso atentar-se para o fato de que o conhecimento teórico, por si só, não transforma o mundo de forma imediata e direta, todavia, ele é capaz de nortear e estruturar as ações práticas humanas, despertando as consciências adormecidas, libertando-as dos grilhões da segregação e do julgo da alienação, depreendendo práticas e atividades transformadoras de reorganização dos meios e estruturas das realidades sociais concretas (SAVIANI, 1994, 1999b), ou seja, as concepções teóricas representam uma visão de mundo, de realidade e de sujeito, materializando-se em ação prática no mundo concreto, fundamentando as ações humanas e mediando as relações interlocutivas entre os seres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações educativas e as práticas pedagógicas são construídas pelo trabalho, e não para ele, elas expressam, de acordo com Saviani (1999b), a práxis, a formação e o desenvolvimento pleno do indivíduo, superando a dissociação indivíduo-ambiente e as concepções tradicionais de ensino-aprendizagem e desenvolvimento do ser. A educação passa a compreender as dinâmicas da realidade concreta por meio dos princípios da dialética e do movimento da contradição, possibilitando ao indivíduo compreender e analisar, de forma crítica, as realidades sociais historicamente construídas.

Segundo a abordagem epistemológica materialista histórico-dialética, o conhecimento configura-se como uma construção histórico-social compenetrada nas estruturas sociais, desse modo, o processo ensino-aprendizagem e o conhecimento científico dialogam com as realidades concretas em que o indivíduo se encontra inserido, promovendo posturas de transformação das estruturas sociais.

Nessa premissa, o processo ensino-aprendizagem escolar visa possibilitar aos alunos a recriação e reelaboração, de maneira crítica e consciente, de suas concepções e visões de mundo, promovendo, assim, intervenção ativa na sua história e na realidade concreta, possibilitando-lhes a construção de novas perspectivas de participação e intervenção social.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. Coleção Primeiros Passos.
- LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo, Abril Cultural, 1985.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros Passos.
- RAMOS, Marise Nogueira. Políticas Educacionais: da pedagogia das competências à pedagogia histórico-crítica. In: BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral (orgs). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. Marília: Cultura Acadêmica, 2016.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999a. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo.
- SAVIANI, Dermeval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. In: BARBOSA, Maria Valéria; MILLER,

Stela; MELLO, Suely Amaral (orgs). **Teoria histórico-cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. Marília: Cultura Acadêmica, 1999b.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 1994.

WOLF, Francis. Nascimento da razão: origem da crise. *In*: NOVAES, Adauto (org.) **A crise da razão**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 67-82.